

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | COMUNIDADE
9 e 23 de Dezembro de 2024

BALL OF FIRE / 1941 BOLA DE FOGO

um filme de HOWARD HAWKS

Realização: Howard Hawks *Argumento:* Billy Wilder, Charles Brackett, Gregg Toland *baseados em* "From A to Z" de Billy Wilder *Fotografia:* Gregg Toland *Montagem:* Daniel Mendell *Director Artística:* Perry Ferguson *Decoração:* Howard Bristol *Guarda-Roupa* (de Barbara Stanwyck): Edith Head *Música:* Alfred Newman *Canção:* "Drum Bogie", música de Gene Krupa, letra de Roy Eldridge *Som:* Thomas Multon *Assistente de realização:* William Tummell *Interpretação:* Gary Cooper (Prof. Bertram Potts), Barbara Stanwyck (Sugarpudd O'Shea), Oskar Homolka (Prof. Gurkakoff), S.Z. Sakall (Prof. Magenbruch), Leonid Kinskey (Prof. Quintana), Aubrey Mattar (Prof. Peagram), Henry Travers (Prof. Jerome), Tully Marshall (Prof. Robinson), Richard Haydn (Prof. Oddly), Allen Jenkins (homem do lixo), Dana Andrews (Joe Lilac), Dan Duryea (Duke Pastrami), Ralph Peters (Asthma Anderson), Katlenn Howard (Miss Bragg), Mary Field (Miss Totten), Charles Lane (advogado), Charles Arnt (McNeary), Allan Rhein ("Horseface"), Elisha Cook Jr. (cozinheiro), Eddie Foster (Pinstripe); Aldrich Bowker (Juiz de paz), Addison Richard (procurador), Pat West (vagabundo), Kenneth Howell (estudante), Tommy Ryan (vendedor de jornais), Tim Ryan (agente de polícia), Will Lee (Benny the Creep), Otto Hoffman (porteiro do teatro), Gene Krupa e a sua orquestra, Marha Tilton (voz de Barbara Stanwyck no número "Drum Boogie", etc.

Produção: Samuel Goldwyn para Goldwyn Productions (Estados Unidos, 1941) *Cópia:* UCLA, 35 mm, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 110 minutos *Estreia Mundial:* 2 de Dezembro de 1941 *Estreia em Portugal:* 4 de Maio de 1942, cinema Tivoli (Lisboa).

Sendo impossível falar de BALL OF FIRE sem falar de *Branca de Neve e os Sete Anões*, mais vale, portanto, começar por aqui. Este é o filme em que Barbara Stanwyck faz de "Branca de Neve", em que os "sete anões" são sete velhos sábios num rodopio, com e sem vagar, à volta dela, e em que há uma oitava personagem masculina que é o "príncipe". Também sábio – também um sábio douto em matérias livrescas e incompetente nas coisas da vida –, mas não velho e muito pouco anão, o príncipe é Gary Cooper, a quem ela pede que a olhe como uma maçã, "só como uma outra maçã", depois de lembrar a de Newton. Numa casa em que um grupo de homens vive enclausurado há nove anos às voltas com o projecto de uma enciclopédia ("uma compilação de todo o saber humano", explicam eles), a lei da gravidade é um termo mais reconhecível que o da tentação. Ou Sugarpudd O'Shea, a quem o sábio que vai transformar-se príncipe abre a porta.

Ao resto da história cabe a inversão dos termos, para uma variação *screwball* da *Branca de Neve*, com Hawks a filmar um argumento de Billy Wilder e a juntar, pela segunda vez nesse ano, Gary Cooper e Barbara Stanwyck com bastante mais frescura do que moralidade americana como na primeira vez do par em MEET JOHN DOE, de Frank Capra. E não é só *no texto*, que o conto de fadas para crianças e adultos dos irmãos Grimm respira em BALL OF FIRE, já que *os planos* e *os enquadramentos* favorecem a declinação, muito habitados pelos sete mais um homens, e a sua convivência em campo e contracampos, magnetizados pelo pólo atractivo da rapariga cintilante, que chega até eles pela

graça da fala. “This is yum.” O professor-príncipe perde mesmo o domínio da linguagem – “I lost my tenses” –, e descobre que “what happens with our emotions can’t be undone”. No entanto e no entre peripécias, as réplicas sucedem-se com a rapidez devida e sem perder as graças da arte dos diálogos.

O projecto, de que Hawks faria um menos saboroso *remake* em versão musical, em 1948 (A SONG IS BORN, com Danny Kaye e Virginia Mayo nos papéis de Cooper e Stanwyck), começou por corresponder ao desejo de Samuel Goldwyn em arranjar um filme talhado para Gary Cooper, que até então angariara sucessos de público em produções de outras *majors*. Foi assim que foi buscar Charles Brackett e Billy Wilder à Paramount, convencendo Wilder a adiar a estreia como realizador para uma última vez como argumentista. Wilder pegou numa história originalmente escrita com Thomas Monroe antes da sua chegada a Hollywood. Entretanto, Hawks, que filmava SEARGENT YORK com Cooper para a Warner, voltou à Goldwyn e a vedeta feminina foi encontrada por sugestão do actor, que contracenara com ela pouco tempo antes. E assim, Stanwyck compôs Sugarpuss O’Shea por causa de Gary Cooper, e ainda bem.

Um plano chega para convencer quem precisar de ser convencido: o grande plano de Stanwyck escutando a inflamada confissão de Cooper, que julga estar a falar com o professor Oddly, o sábio supostamente entendido em questões de mulheres. Enquanto ele fala da perturbação que ela lhe causa, ela, sentada na cama, ouve na penumbra. A cara (termo que o professor Potts explica aos seus enciclopédicos colegas como equivalendo ao calão “puss” a que o “sugar” do nome dela acrescentaria a doçura!) está escura como o quarto, os olhos iluminados pelo clarão que se lhes chapa em cima. O rasgo está à altura da fotografia de Gregg Toland, mas também é verdade que basta reparar na expressão da actriz e está tudo dito sobre o que se passa com Sugarpuss quando percebe as convulsões que atravessam o corpo do professor Potts. Por isso ela lhe responde com um gesto que dispensa palavras: um salto, da cama direitinha para o pescoço dele. “Oh God, it was a good scene”, palavras de Hawks. É, sim senhor.

A ênfase nos sentidos não é nada mascarada num filme, apesar das elipses e dos silêncios, tão cheio de palavras tão cheias de duplas sentidos. À boa maneira das comédias clássicas, à boa maneira de Hawks (basta lembrar BRINGING UP BABY, com Cary Grant ao lado de Katharine Hepburn à procura do osso perdido do dinossauro), à boa maneira de Wilder. Pelo contrário, é na sua direcção que a história evoluiu. No fundo, BALL OF FIRE conta uma história de (tardia) iniciação carnal, cheia de velhos, mas infantis, sábios. O que destoa é o sábio mais novo (o oitavo anão, que não é anão, para voltarmos à *Branca de Neve*), como logo fica explícito quando, no princípio, ele se desvia do caminho dos outros no passeio pelo Central Park para os mandar recolher à Fundação, que se faz tarde e a enciclopédia não há-de parar na letra “s”. É ele quem abandona a mansão de janelas fechadas ao exterior à procura do mundo real para bem poder escrever sobre calão. Daí à descoberta dos impulsos para os quais as palavras não chegam vão alguns passos, alguns tropeções linguísticos e, finalmente, a descoberta de que os livros não chegam para acudir a todas as situações (para um corpo a corpo com o rival, por exemplo) ou têm outras utilidades (podem servir de degraus quando a diferença de alturas dificulta um beijo, por exemplo).